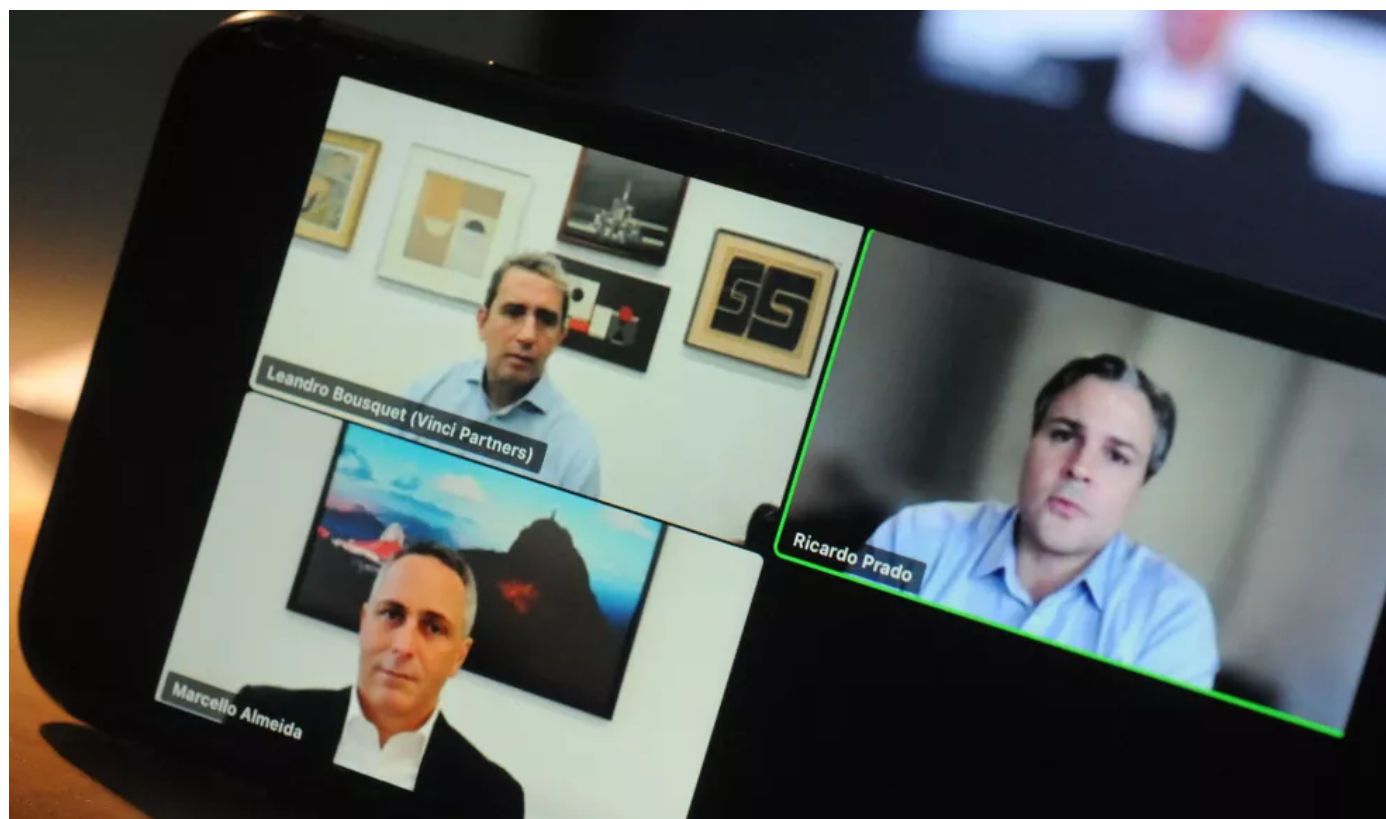


Vinci e Chrimata firmam parceria para crédito rural

Proposta é levar financiamento de longo prazo a produtores

Por Ana Paula Ragazzi — De São Paulo

10/05/2021 05h01 · Atualizado há 5 horas



Leandro Bousquet, Ricardo Prado e Marcello Almeida: parceria mal saiu do papel e já há um pipeline de 12 transações, que somam quase R\$ 1 bilhão — Foto: Leo Pinheiro/Valor

A boutique financeira Vinci Partners e a Chrimata Investimentos, especializada em soluções de crédito para o agronegócio, fecharam uma parceria para atuar no setor. A

ideia é conceder financiamento de longo prazo para apoiar produtores na expansão de seus negócios. A Chrimata vai encontrar as oportunidades, enquanto a Vinci traz os investidores.

Do lado da Vinci, o projeto envolve as áreas de crédito e de real estate - ambas já trabalharam juntas em outros produtos, como fundos imobiliários que investem em certificados de recebíveis imobiliários (CRI). Os dois segmentos deverão ter presença forte no veículo de investimento que será criado para viabilizar esse investimento - o formato ainda está em discussão.

“Identificamos uma oportunidade na lacuna de soluções de crédito de longo prazo para esses empreendedores. Para financiar a produção, hoje esse empreendedor já tem diversas linhas, de curto prazo, direcionadas praticamente a cada safra. Mas para o crescimento do negócio, com a compra de mais terras ou expansão da área produtiva, não há tanto capital disponível”, afirma Leandro Bousquet, sócio da Vinci e responsável pela área de real estate. Ele diz que a ideia inicial é seguir a lógica da compra de terras para arrendamento de produtores rurais, com a possibilidade de recompra no futuro.

A associação com a Chrimata veio para trazer a expertise no segmento para dentro da Vinci. Os sócios da Chrimata vieram do antigo banco BBM, e têm mais de 20 anos de atuação em crédito dedicado ao agronegócio.

“Eles vão agregar um aspecto fundamental, que é o ‘pé no barro’. Entendemos que é imprescindível estar próximo do produtor rural”, afirma Marcello Almeida, sócio da Vinci e responsável pela área de crédito da boutique.

Ricardo Prado, principal executivo da Chrimata, diz que a empresa foi criada para fazer o link entre o campo e o mercado financeiro, há cinco anos. A ideia, ele conta, sempre foi atender as necessidades de produtores que quisessem, por exemplo, para os projetos de longo prazo: “Através dos nossos contatos no setor, estruturávamos os negócios e íamos atrás de um investidor interessado, pois não tínhamos funding dedicado. Agora, o veículo de investimento criado pela Vinci terá a exclusividade nas operações”, diz Prado. Além da originação, a Chrimata dividirá com a Vinci a análise de crédito e o monitoramento das operações.

Os executivos contam que a parceria mal saiu do papel e já há um pipeline de 12 transações, que somam quase R\$ 1 bilhão. “Esse mercado é muito grande e o produto pode ser muito escalável e ter um volume expressivo”, diz Almeida.

Prado informa que o foco das operações serão propriedades acima de mil hectares - hoje, afirma, existiriam perto de 50 mil nesse tamanho, dentre 5 milhões de propriedades rurais cadastradas no Brasil. Essas 12 que já estão no horizonte somam 60 mil hectares e o Brasil tem 70 milhões de hectares em produção, informa o executivo. Os números dão ideia do tamanho do mercado a ser explorado, avalia Prado.

As buscas por negócios vão percorrer todo o Brasil, mas a tese definida para o investimento tende, naturalmente, diz o sócio da Chrimata, a render mais frutos na região Centro Oeste, com o Mato Grosso como carro-chefe; e na área conhecida como “Matopiba”, que abrange os Estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia. “São as áreas da nova fronteira agrícola, que se enquadram melhor no nosso foco em perfis de propriedades e produtores maiores”, diz Prado.

Bousquet, da Vinci, conta que a casa há algum tempo estudava maneiras de ampliar a atuação no agronegócio, pela resiliência ao longo do tempo. “O setor nasce como um filho das áreas de crédito e imobiliário, mas tem potencial para ter vida própria dentro da Vinci no futuro”, diz.

Almeida acrescenta que, enquanto o Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro cresceu em torno de 10% na última década, a parcela do PIB relacionada ao agronegócio expandiu mais de 36% no período. Mesmo na pandemia de 2020, ele destaca, o agro contribuiu com perto de 25%. “É um dos setores mais resilientes nas crises econômicas vivenciadas”, diz Almeida. Ele também observa que a terra agrícola é um bem que não sofre depreciação ao longo do tempo.

“O valor da terra geralmente é função de produtividade, do preços das commodities e da própria infraestrutura logística relacionada a acesso e escoamento de produção”, diz. Segundo o executivo da Vinci, o país já é visto como relevante em tecnologia e pesquisa de ponta, o que se traduz em alta produtividade no agronegócio. Por essa

razão, entende que faz sentido a atração de investidores para solucionar o “gap” de financiamento de mais longo prazo no setor.

Prado diz que a parceria também poderá atuar para reorganizar as finanças dos produtores rurais, em certo sentido. “Ninguém freia o ímpeto de expansão desses empreendedores. Muitas vezes, ele já fez uma aquisição, mas com financiamento inadequado, caro. Então uma linha como a nossa poderá justamente readequar o fluxo financeiro dele, para que tenha mais tranquilidade no planejamento futuro”, afirma.

Bousquet destaca que o setor agrícola vem evoluindo muito nos últimos anos, especialmente nas culturas de foco do investimento que a parceria pretende fazer, como soja, algodão e milho, entre outras. “A evolução tecnológica e de produtividade da produção brasileira nos últimos anos foi impressionante. Isso trouxe um melhor nível de previsibilidade ao negócio”, afirma.

Esse grau de imprevisibilidade, por conta de riscos como o climático e também de pragas inerentes ao setor, sempre foi um ponto de atenção para entradas de investidores nesse negócio.

Prado diz acreditar que é apenas uma questão de tempo para que mais nomes do setor estejam mais expostos ao mercado, atraindo não só investidores para dívidas, como também listando ações na bolsa de valores. “O setor vem superando seus fatores de risco, com investimento em tecnologia e mais profissionalização, que vem mitigando também preocupações com governança”, afirma. “Um produtor olha para o lado e vê que o outro que investiu em profissionalização está acessando crédito melhor. Ele percebe isso”, diz.